

## REPRESENTANDO O PRECONCEITO: O HOMEM SEM RUMO DE SALIM MIGUEL

Stella MONTALVÃO<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho consiste na análise do conto “Sem rumo” de Salim Miguel, que retrata uma situação de convivência entre um estigmatizado e o *outro*. Destaca-se o processo de construção de foco narrativo, personagens e conflito, no sentido de representar as implicações do estigma na imagem que o estigmatizado faz de si mesmo e as dificuldades a ele impostas pelo preconceito e discriminação. Foram utilizados conceitos de Bourdieu e Goffman, referentes às relações de poder que se estabelecem entre dominadores e dominados às representações sociais e à estigmatização.

PALAVRA-CHAVE: Literatura contemporânea. Conto. Representação. Preconceito. Estigma.

*Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente de favela é considerado marginal. Não mais se vê os corvos voando às margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os corvos.*

Carolina Maria de Jesus

Esse estudo centra-se na análise do conto “Sem Rumo” de Salim Miguel<sup>2</sup> escritor contemporâneo referenciado em estudos sobre a Literatura Contemporânea Brasileira<sup>3</sup> como participante ativo do *boom* do conto brasileiro nos anos 70. É importante ressaltar que, nesse período histórico tão profundamente marcado por uma ditadura militar (1964 a 1985), uma parte significativa dos contistas brasileiros tomou a direção inequívoca da exploração de conteúdos de caráter social de grande apelo no que se refere à realidade brasileira<sup>4</sup>. Foram temas recorrentes aqueles relacionados diretamente à desigualdade social, à perda de referências no espaço urbano e capitalista e ao descompasso entre progresso e exclusão social, utilizando-se freqüentemente, da “exploração da violência repressiva como núcleo temático” (LUCAS, 1983, p.155).

Nesse conto, Salim Miguel reproduz a linguagem simples do homem de pouca instrução e retrata a trajetória de um viajante solitário e miserável que perambula pelos rincões do País, fazendo biscates, já que sua condição não lhe permite encontrar um trabalho fixo. No diálogo entre o viajante, homem simples e sem vícios; o comerciante, homem de poucas palavras; e dois pobres bebedores, moradores fixos da cidade, evidenciam-se diferentes formas de representação, destacando e confrontando os vários estigmas a que estão expostas as pessoas destituídas de poder e de dinheiro na sociedade brasileira.

A narrativa se estrutura quase que apenas em longos diálogos, com o uso abundante do discurso direto. O narrador aparentemente se propõe a relatar a própria fala do estigmatizado. A composição deste conto lembra a de um roteiro cinematográfico, em que se iniciam as cenas com algumas “marcações” principais, seguidas de diálogos rápidos, em que as personagens interagem,

<sup>1</sup> Universidade de Brasília.

<sup>2</sup> Salim Miguel (1938 – ). Jornalista e escritor. Libanês, veio para o Brasil ainda menino. Trabalhou em diversos jornais e nas revistas do grupo Bloch, como *Manchete* e *Fatos e Fotos*. Grande incentivador das artes e da literatura, participou de movimentos culturais também na área de cinema em Santa Catarina. Foi aclamado O Intelectual do Ano de 2002 pela publicação de *Eu e as corruínas* – que já era, em si, uma homenagem, posto que a coletânea comemorava os 50 anos da sua carreira literária.

<sup>3</sup> Ver LUCAS, 1983, HOHLFELDT, 1981 e DALCASTAGNÉ, 2001.

<sup>4</sup> Para uma análise desse contexto, no que se refere ao romance, ver DALCASTAGNÉ, 1996.

dando-se a conhecer em suas falas e ações. Há uma preocupação, por parte do autor, em realizar uma recriação ficcional bastante verossímil dos processos sociais por que passam os estigmatizados. Nesse sentido, retrata a trajetória de suas personagens em uma situação social banal: a narrativa é ambientada em um espaço do cotidiano – um bar de uma cidade do interior; e se situa no tempo presente, no caso, meados dos anos 70.

### 1. O eu desacreditado

Essa análise parte da concepção de “os preconceituosos pretendem marginalizar do poder aqueles a que atribuem certas características menos ‘nobres’ e incluir-se naquela estreita parcela da população possuidora das virtudes necessárias para o exercício das melhores funções; noutras palavras, o preconceito funciona como exercício de poder” (PINSKY & ELUF, 1997, p. 11). Conseqüentemente, os conceitos de *poder simbólico*, *violência simbólica* e *marcas de distinção*, desenvolvidos por Pierre Bourdieu, são fundamentais para o aprofundamento da questão do preconceito. Entende-se por *poder simbólico* um “poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1997, p.7-8) e por *violência simbólica* a “violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com freqüência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros freqüentemente são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la” (BOURDIEU, 1997, p.7-8).

Assim, o uso desses conceitos permite desvelar a forma pela qual o dominador constrói a representação de si mesmo e, por contraposição, constrói também a representação do dominado, outorgando-se, por esse processo, a autoridade necessária – *poder simbólico* – para o exercício pleno da *violência simbólica*. Essa autoridade simbólica permitirá ao dominador não só falar pelo dominado, mas traçar definições opostas dele próprio e do outro – *marcas de distinção* – que acabam por se tornarem “naturais”, tornando a violência simbólica dificilmente perceptível.

Outro conceito imprescindível a essa análise é o de *estigma*: “situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena” (GOFFMAN, 1988, p.7). Assim, a estigmatização, como um processo que ocorre na interação entre indivíduos ou grupos, ocorre toda vez que:

um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode-se impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. Ele possui um estigma, uma característica diferente da que havíamos previsto (GOFFMAN, 1988, p.14).

Ao se estudar os processos de estigmatização, a questão da conduta e da aparência é fundamental, posto que, normalmente, a partir delas, é que o *outro* recolhe suas primeiras informações no sentido de estabelecer a identidade social daquele que ele acaba de conhecer. Goffman se refere a essa questão da seguinte forma:

se o indivíduo lhes for desconhecido, os observadores podem obter, a partir de sua conduta e aparência, indicações que lhes permitam utilizar a experiência anterior que tenham tido com indivíduos aproximadamente parecidos com este que está diante ou, o que é mais importante, aplicar-lhe estereótipos não comprovados (GOFFMAN, 1985, p.11).

São, portanto, esses estereótipos aplicados àquele com que se trava conhecimento que vão constituir a base do processo de estigmatização. O texto analisado inicia-se com uma forte indicação da situação de estigmatizado do personagem principal: o narrador apresenta-o como o “intruso”. Considerando que ele está entrando em um bar e que, pelo texto, pode-se inferir que o bar em questão é um lugar simples, freqüentado, inclusive, por trabalhadores braçais pobres e mal-vestidos, como as outras duas personagens no conto, há de se questionar: o que faz dele alguém não só fora

do seu lugar, mas que fere as conveniências, as regras, forçando sua presença, ou seja, um “intruso”?

Essa condição de intruso imputada a ele pelo narrador está baseada claramente na sua condição de *desacreditado*. Goffman define *desacreditado* como aquele indivíduo estigmatizado cuja “característica distintiva já é conhecida ou é imediatamente evidente” (1988, p.14), em oposição ao *desacreditável* cuja característica distintiva “não é nem conhecida pelos presentes e nem imediatamente perceptível por eles” (1988, p.14). O protagonista de “Sem rumo” é evidentemente um *desacreditado*, sem a possibilidade de se acobertar, face à visibilidade de seu estigma.

Sua descrição, logo em seguida, confirma essa situação, pois sua miséria é visível: veste calça presa com barbante, paletó rasgado e sem camisa ou sapatos, roupas desbotadas e sacola encardida à guisa de mala, o que revela seus poucos pertences. Além disso, apresenta-se com barba crescida e cabelos por cortar. Cada uma dessas características evidenciadas o desvaloriza: afinal, ele não é possuidor de nenhuma das condições que o faria ser socialmente reconhecido como um viajante respeitável.

Destacam-se, no entanto, nessa descrição, as expressões “olhos de gato” e “faces encovadas de doente ou faminto” que, mais do que meras características visíveis, são claramente indicativas do olhar do *outro*, personificado no narrador. Sem serem indicadores propriamente de penúria, essas expressões, usadas pelo narrador, consubstanciam-se em características “esperadas”, “naturais”, quando, na realidade, indicam julgamentos de valor, estereótipos, relacionando uma situação concreta – a miséria – com uma certa esperteza, uma certa falha de caráter, insinuadas pela expressão “olhos de gato”, e uma evidente desvalorização do homem, um certo desprezo, sugeridos pelas palavras “doente” e “faminto”.

Fica visível que não se está diante de uma mera descrição “objetiva” (o que, ademais, nenhuma descrição pode ser), mas de uma representação do miserável, pois o narrador apresenta ao leitor um rol de “motivos” – marcas de distinção – construídos a partir de uma visão pré-estabelecida do *outro*. E a presença dessas marcas de distinção que, por sua própria natureza precisam ser desvalorativas, em meio a uma descrição que se quer apresentar como “neutra”, fruto do que se efetivamente vê quando a personagem entra no bar, revela o processo de “naturalização” das marcas de distinção.

Portanto, o narrador não só o coloca, logo ao primeiro contato, na categoria dos miseráveis, mas demonstra como essa categoria deve ser “vista”. E é esse olhar que o desacredita. Nesse sentido, o que aparentemente seria uma narrativa mais “confiável”, já que as falas das personagens são reproduzidas em discurso direto, revela-se em sua parcialidade. Fica evidente que o narrador busca direcionar o olhar do leitor para uma determinada representação, assumindo uma posição francamente preconceituosa: o narrador permite a fala do estigmatizado, mas não sem antes prevenir o leitor a respeito dele.

Esse direcionamento é obtido a partir do fato de que as cenas são narradas por um olhar que circula pelo bar, semelhante a uma filmadora que, alternando o foco, destaca cada uma das personagens; e pela presença do dono do bar, que assume o papel de um entrevistador, um repórter. Afinal, a partir das suas perguntas, pretende-se que o público, no caso, o leitor, possa conhecer melhor o protagonista. O tom que o conto assume inicialmente, portanto, é de um documentário.

A vida do protagonista é a de muitos nordestinos: com a seca, seus pais morrem e ele, ainda menino, pega um pau-de-arara e vai embora do sertão. Ele se apresenta como viajante: “Queria conhecer o Brasil, melhorar de sorte. Bobagem: tudo igual pros pobre (...). Não crio raiz, nunca posso parar muito tempo em nenhuma parte, me toco logo pra diante, sem rumo certo” (SR<sup>5</sup>, 62). Mas quando perguntado o porquê desse procedimento, responde: “Nem sei; melhorar não melhora. Viajar... conhecer...talvez” (SR, 62).

Na leitura do conto, porém, fica claro que a possibilidade de ele se fixar em algum lugar lhe é negada. Ele será sempre um “intruso”, onde quer que ele vá. Sua condição de estigmatizado o

<sup>5</sup> Todas as referências ao conto no decorrer do trabalho estão identificadas pela abreviatura correspondente, seguida do número da página em que consta o trecho.

impede de “melhorar de vida”. Isso é exposto com clareza por ele mesmo quando relata sua busca por comida nas estradas: “E a comida? Nem me pergunte, patrão, pedia nas casas, não tenho vergonha de confessar; pedir, acho, é melhor que roubar. Ou não? Já nem sei mais. Pedia. Mas só um ou outro dava, quase todos me mandavam trabalhar, mas não me diziam onde nem me ofereciam trabalho, patrão, *como se eu fosse um algum malandro*<sup>6</sup>, se não andasse sempre à procura de trabalho. Cadê ele, porém! Isto me doía fundo” (SR, 63).

Assim, o trabalho que garantiria seu sustento e poderia lhe dar a possibilidade de sair da condição de estigmatizado lhe é constantemente recusado, exatamente porque ele carrega a marca do estigma que associa à condição de miserável a pecha de malandro. Nesse momento, destaca-se o impasse que envolve todo estigmatizado: o estigma decorre de sua condição de miserável, mas ele acaba responsabilizado pelo estigma que carrega, como se fosse uma opção sua a de não trabalhar, e não uma consequência do estigma a ele imputado.

## 2. A convivência social marcada pelo estigma

Nos seus contatos com os *normais*<sup>7</sup>, o protagonista sente a impossibilidade de ser respeitado. Anda a pé e, se pede carona, recebe recusas; se arranja trabalho, logo descobre que, na verdade, está sendo explorado, tratado indignamente, usado como mão-de-obra escrava: “mas o trabalho era duro, muito duro que nem queira saber, e quando eu digo duro é porque eu sei, e eles exploravam a gente: pagavam uma porcária de miséria e o povo todo tinha de que comprar no armazém deles, pagar pousada pra eles, tudo pelo dobro do preço” (SR, 63).

À noite, o viajante busca abrigo no albergue noturno, local onde se alojam os miseráveis. No tratamento que recebem, evidenciam-se as marcas de distinção. Não há privacidade ou consideração: “A gente toda ficou em pelo enquanto eles vão passar uns troços na nossa roupa, diz que é pra mode desinfetar” (SR, 66). Após a desinfecção, o banho. E a voz da personagem que destaca o que o *outro* não sabe ou não quer saber: “Banho dá fome, imagine. Luxo. E a fome é o diabo; pros pobre é mesmo o único diabo” (SR, 66). Mas o diabo dos *normais*, dos dominadores, é preciso exorcizar. Segue-se então a reza. O diabo dos miseráveis – a fome – deste não há como escapar: “reza não mata a fome, não. Comida que é bom mesmo, quase da nenhuma. Nenhuma” (SR, 66). A fome que sentem e que para eles é necessidade premente, não se reveste de importância para aqueles que não a conhecem de perto.<sup>8</sup>

Destaca-se que esse tipo de estabelecimento, seja ele de caráter público ou privado, acaba por cumprir a função de “limpar” o espaço urbano da presença dos miseráveis, pelo menos durante um período do dia. Nesse sentido, se institucionaliza como um depósito de párias, de não-civilizados: é preciso limpá-los, fazê-los apresentáveis e moralizá-los. Enfim, é preciso tratá-los dessa “doença social” pela qual são os únicos responsáveis. Nesse sentido, a existência de miseráveis é encarada como um problema de saúde pública.

Em relação a este tipo de estabelecimento, Foucault destaca a importância que assumem tanto as entidades públicas quanto privadas, que “funcionam como órgãos de vigilância que uma classe social privilegiada exerce sobre as outras, mais desprotegidas e, por isso mesmo, portadoras de perigo coletivo” (2003, p.194). Assim, é evidente que esses estabelecimentos atendem não às necessidades daqueles que para lá se dirigem, mas às necessidades de uma sociedade que os marginaliza.

Escamoteia-se, dessa forma, o fato de que o miserável, em sua interação com os *normais*, é tratado como um não-ser, pois não tem sua existência reconhecida nem mesmo legalmente: na

<sup>6</sup> Grifo nosso.

<sup>7</sup> Em oposição aos estigmatizados, surge, a figura dos *normais*, ou seja, aqueles que não possuem o estigma – nós mesmos, em diversas situações cotidianas, conforme destaca Goffman.

<sup>8</sup> Nesse sentido, destaca-se a narrativa “Quarto de Despejo”, de Carolina Maria de Jesus, em que a fome perpassa todo o texto e em que se percebe o descaso dos grupos estabelecidos diante dos miseráveis, relegados à favela – quarto de despejo dos grandes e luxuosos espaços urbanos.

maioria das vezes, não tem documentos de identidade, nem condições financeiras de se fazer reconhecer por meios legais. Essa mesma questão aparece claramente em JESUS (2001), em que a autora, mais de uma vez, refere-se ao fato de que os moradores da favela só eram tratados como pessoas quando eram portadores de documentos pessoais.

A questão dos documentos de identidade merece atenção. O processo de identificação pessoal, diferente do processo de identificação social, que nos permite considerar a estigmatização, refere-se mais a possibilidade de “controle de informação na manipulação do estigma” (GOFFMAN, 1988, p.116). No processo de identificação pessoal, portanto, busca-se registrar “de maneira oficial todos os elementos que servem para identificação positiva do indivíduo, ou seja, utiliza-se um conjunto de marcas para diferenciar a pessoa assim marcada de todos os outros indivíduos” (GOFFMAN, 1988, p.67).

Dessa forma, “uma vez que um apoio de identidade tenha sido preparado, materializado, e se torne disponível, podemos nos agarrar a ele” (GOFFMAN, 1988, p.68). Se o apoio de identidade revela-se tão importante na nossa sociedade, fica claro que isto se deve ao papel de controle da identidade social – a categoria a que pertence e os atributos que possui – que eles assumem: “como a informação sobre a identidade pessoal é em geral de um tipo que pode ser estritamente documentado, ela pode ser usada como proteção contra falsificações potenciais da identidade social” (GOFFMAN, 1988, p.71).

Esse processo fica evidente no momento em que, para conseguir emprego, o protagonista é obrigado a buscar vários documentos – apoios de identidade – que o identifiquem e que, sem os quais, não pode trabalhar. No entanto, cada um desses documentos vai exigir dele o contato com diversos órgãos legais, situados em diferentes locais, o que lhe dificulta o acesso; e ainda o desembolso de dinheiro para pagamento de taxas e fotografias, dinheiro que, sem trabalho ou relações pessoais de confiança, próprias de alguém já estabelecido, não há como obter em sua condição social (isso considerando que a personagem se coloca contra a possibilidade de roubar, mesmo que para comer). Dessa forma, o que, aparentemente, são exigências legais, revela-se como mecanismos de regulação social que vão efetivamente mantê-lo “em seu devido lugar”, que na verdade, se mostra como “lugar nenhum”.

Se, até esse momento do texto, o leitor parece estar diante de mais um dos muitos miseráveis que perambulam pelo nosso País, com a chegada de duas novas personagens, introduzem-se elementos que fazem o leitor questionar essa visão já estabelecida. O tom de documentário expresso no texto se altera. O encontro entre as três personagens, cada uma com sua fala própria, reforça a idéia de uma “encenação”, uma cena construída deliberadamente para confirmar idéias preconcebidas, a que o leitor é convidado a assistir.

Entram no bar dois homens negros. Pela descrição do narrador, homens pobres que vivem de fazer carretos, vestidos de forma humilde. Fogem da chuva forte que cai e, encharcados, entram no bar em busca de refúgio e aguardente. Um deles, vendo o miserável no bar, a princípio identifica-se com ele. Assim, oferece-lhe uma dose de aguardente, a qual ele recusa: não bebe. Essa resposta causa estranhamento aos dois recém-chegados: afinal, se ele é pobre, nortista, espera-se que beba.

Nesse momento, introduz-se na narrativa o que Goffman chama de *desidentificador*: “signo que tende real ou ilusoriamente a quebrar uma imagem, de outra forma coerente, mas nesse caso numa direção positiva desejada pelo ator, buscando não só estabelecer uma nova pretensão mas lançar sérias dúvidas sobre a validade da identidade virtual” (1988, p.54). Assim, o fato de não beber coloca o protagonista em situação diferente dos demais miseráveis, quase sempre associados à imagem dos bêbados de rua.

Esse *desidentificador* se destaca a partir do momento em que o protagonista ainda se permite fazer uma crítica velada aos que bebem, insinuando que os que bebem gostam de dizer que a aguardente faz bem à saúde para justificar o seu vício. Essa posição marca a sua diferença em relação aos dois homens que entram no bar e é percebida por eles: “Nunca bebeu cana... murmura o surdo, um espanto profundo na voz baixa e cheia de admiração. Aquilo, para ele, é inconcebível. ‘Nunca bebeu cana... han... han...’ repete para si mesmo, querendo se convencer daquela verdade” (SR, 68).

Com a presença do *desidentificador*, quebra-se a espinha dorsal do preconceito, que é a possibilidade de se atribuírem várias características a um indivíduo, a partir da sua pertença a uma determinada categoria. O viajante deixa de ser um mero representante da categoria dos miseráveis, para tomar feições de indivíduo, negando-se a se encaixar na expectativa do *outro*. Assim, a cena, que se constrói para “confirmar” as marcas de distinção, toma um rumo diferente. Desse momento em diante, o próprio narrador – será que também frustrado em suas expectativas? – passa a palavra inteiramente às personagens por meio do discurso direto.

Estabelece-se, então, uma interação em que os dois homens da cidade buscam marcar sua posição superior diante do viajante. Os dois mantêm uma relação de evidente suporte: formam uma equipe, entendida como: “qualquer grupo de indivíduos que cooperem na encenação de uma rotina particular” (GOFFMAN, 1985, p.78).

Dessa forma, no esforço de marcarem a sua própria representação e se colocarem em posição de superioridade, destacam, em conjunto, os fatos que os apresentam como *normais*: eles têm trabalho, mantêm um círculo de contatos que o valorizam, conhecem pessoas e sabem do que ocorre pela cidade. As relações de conhecimento são altamente valorizadas por eles, até mesmo em relação ao dono do bar, que é também um novato na cidade: “Não conhece? Será possível! Um negociante da importância do Mané Português e o senhor não conhece ele! Hun!” (SR, 70). É evidente que eles buscam sugerir que isso os coloca em posição superior aos que não conhecem “pessoa de tal importância”.

Não basta, assim, conhecer o Mané Português, mas é preciso demonstrar uma certa intimidade, evidenciando que se faz parte de um círculo pequeno de pessoas que não só sabem coisas sobre ele, mas que mantêm com ele um

vínculo ‘social’, quer superficial ou íntimo, e quer como igual ou não. Conforme dissemos, eles não só sabem ‘de’ ou ‘sobre’ ele, como também o conhecem ‘pessoalmente’. Eles terão o direito e a obrigação de trocar um cumprimento, uma saudação e “bater um papo” com ele quando se encontram na mesma situação social, e isso constitui o reconhecimento social (GOFFMAN, 1988, p.78-79).

É interessante destacar aqui que, por sua condição social, pode-se supor que os dois homens negros representados na história são eles mesmos tratados como estigmatizados por outras pessoas que fazem parte de um grupo estabelecido e que detenham mais poder do que eles. No entanto, isto não impede que os dois tratem o viajante como um estigmatizado, uma vez que

o estigma envolve não tanto um conjunto de indivíduos concretos que podem ser divididos em duas pilhas, a de estigmatizados e a de *normais*, quanto um processo social de dois papéis no qual cada indivíduo participa de ambos, pelo menos em algumas conexões e em algumas fases da vida. O normal e o estigmatizado não são pessoas, e sim perspectivas que são geradas em situações sociais durante os contatos mistos, em virtude de normas não cumpridas que provavelmente atuam sobre o encontro. Os atributos duradouros de um indivíduo em particular podem convertê-lo em alguém que é escalado para representar um determinado tipo de papel; ele pode ter de desempenhar o papel de estigmatizado em quase todas as suas situações sociais, tornando natural a referência a ele, como eu o fiz, como uma pessoa estigmatizada cuja situação de vida o coloca em oposição aos *normais*. Entretanto, os seus atributos estigmatizadores específicos não determinam a natureza dos dois papéis, o normal e o estigmatizado, mas simplesmente a frequência com que ele desempenha cada deles. E já que aquilo que está envolvido são os papéis em interação e não os indivíduos concretos, não deveria causar surpresa o fato de que, em muitos casos, aquele que é estigma-

tizado num determinado aspecto exhibe todos os preconceitos *normais* contra os que são estigmatizados em outro aspecto (GOFFMAN, 1988, p.150).

Embora os dois homens negros possam ser tratados como excluídos, estigmatizados, em outras situações ou em contato com outros grupos, o que, a princípio sugeriria uma possibilidade de solidariedade entre eles e o viajante, na prática, revela-se na impossibilidade de alinhamento<sup>9</sup>. Nesse sentido, evidencia-se no conto que aquele que não compartilha de um determinado estigma – no caso o de miserável – mas que pode ser identificado como um portador do mesmo por aparentemente apresentar algumas das características específicas desse grupo – uso de roupas velhas e surradas, por exemplo – poderá evitar a qualquer custo um alinhamento exogrupal, temeroso de sofrer a mesma estigmatização.

Outro elemento que se destaca neste conto, e que se diferencia em relação ao anterior, é o de que o viajante já não questiona mais a estigmatização de que é alvo. Encontra-se em uma “segunda fase de socialização do estigmatizado”, conforme afirma Goffman:

Uma das fases desse processo de socialização é aquela na qual a pessoa estigmatizada aprende e incorpora o ponto de vista dos *normais*, adquirindo, portanto, as crenças da sociedade mais ampla em relação à identidade e uma idéia geral do que significa possuir um estigma particular. Uma outra fase é aquela na qual *ela aprende que possui um estigma particular e, dessa vez detalhadamente, as conseqüências de possuí-lo*<sup>10</sup> (1988, p.41).

Seu processo de socialização, ou seja, seus contatos com o *outro*, são marcados desde o início pelo preconceito. Sua biografia está repleta de situações em que sofreu as conseqüências de seu estigma. Assim, poucos são os momentos em que fala de revolta contra a situação em que vive. Sabe que não pode apresentar-se na venda do Mané Português sozinho, porque sua condição visivelmente miserável – de *desacreditado* – impõe-lhe um estigma que o impossibilita de apresentar-se sem alguém que, de certa forma, responsabilize-se pela sua conduta. Sabe também que os dois homens não o acompanharão porque ir até a venda pode significar duas coisas para eles: seu desmascaramento, caso a representação que fizeram de si mesmos, ostentando uma relação com o dono do armazém, não corresponda à realidade; ou sua estigmatização, por manter relações com alguém claramente estigmatizado.

### 3. O isolamento na impossibilidade de permanência

O conto centra-se na questão do desemprego como uma forma de desenraizamento. O protagonista sai de sua terra aos doze anos num pau-de-arara depois da morte dos pais causada pela seca. Seu objetivo é conhecer o Brasil e melhorar de sorte. No entanto, descobre que, para os pobres como ele, em todos os lugares, sua situação é idêntica. Assim, seu destino é viajar: “Não crio raiz, nunca posso parar muito tempo em nenhuma parte, me toco logo para diante, sem rumo certo” (SR, 62). Ao ser questionado sobre o motivo desse constante viajar, responde: “Nem sei; melhorar mesmo não melhora. Viajar... conhecer...talvez” (SR, 62).

Embora, à princípio, numa visão um tanto romântica, pudesse-se considerar que esse constante viajar fosse decorrente de um espírito livre, que não tem a intenção de se fixar em nenhum lugar, já que ele se apresenta, de certa forma, “conformado” com sua situação, sua constante busca

<sup>9</sup> Segundo Goffman, no alinhamento exogrupal, o *desacreditado* busca o contato com os *normais* no sentido de ser aceito por eles. Já no alinhamento intragrupal, o *desacreditado* busca seus semelhantes, unindo-se ao grupo a que pertencem aqueles que apresentam o mesmo estigma que ele.

<sup>10</sup> Grifo nosso.

por emprego atesta uma necessidade de poder, por meio de trabalho fixo, não só atender a suas necessidades básicas, mas também ser reconhecido socialmente. A afirmação: “Viajar... conhecer... talvez” (SR, 62) é uma frase dúbia, que tanto pode sugerir um certo prazer em conhecer diversos lugares, quanto uma profunda resignação com seu destino de andarilho.

A saída dos dois homens de cena marca um momento de reflexão. O narrador faz uma “tomada panorâmica” do bar em que o viajante e o dono do bar permanecem calados e, lá fora, a chuva lentamente diminui de intensidade. O último diálogo entre o dono do bar e o protagonista resume a vida do viajante: resignação, despedidas, o andar sem rumo.

Essa resignação pode ser percebida na decisão do protagonista de desistir de permanecer na cidade: “Se não arranjar os tais papéis, me atiro pra diante (...) Como vim até aqui, assim vou embora” (SR, 74). A consciência de seu estigma aparece claramente expressa nas suas últimas falas: “O homem lá ia me olhar e dizer ‘já arranjei outro, tu chegou tarde’, ou coisa parecida, me despedir delicadamente, isto no caso de ser bom sujeito, *sei como são estas coisas, conheço bem, minha sina mesmo, já vi, é andar, sem rumo. Vou andar*” (SR, 74).

Assim, essa impossibilidade de permanecer em algum lugar, de se estabelecer, é vista como sua “sina”, seu destino. Dessa forma, só o que lhe resta é recomeçar a andar. E o narrador encaminha a narrativa em direção ao fim, fechando o foco naquele “vulto indeciso e agachado caminhando lentamente por sobre as poças d’água que a chuva deixara” (SR, 74), até que este desaparece.

Resta destacar que, se é de se esperar que não haja possibilidade de comunicação entre estigmatizado e *normais*, em “Sem rumo”, o protagonista trava conhecimento com pessoas e estabelece comunicação, inclusive narrando boa parte das suas experiências pessoais. O que permite que isso aconteça é o fato de que, em nenhum momento, o viajante tenta se inserir no grupo ou buscar alinhamentos. Reconhece-se estigmatizado e sabe que não há lugar para ele. Dessa forma, não se propõe a conhecer a história dos *normais*, enquanto aceita a curiosidade de que é alvo como algo esperado. Goffman corrobora com essa afirmação quando destaca que:

Haverá, sem dúvida, casos em que os que não são solicitados a compartilhar o estigma de um indivíduo ou a passar grande parte do tempo usando de tato e cuidado em relação a ele podem achar mais fácil aceitá-lo, precisamente por isso, do que aqueles que são obrigados a ter com ele um contato de tempo integral (1988, p.64).

Portanto, o fato de que seu contato com essas pessoas é claramente casual e esporádico, permite aos *normais* que se aproximem dele sem que corram o risco de se comprometer. O que pode nos levar a outra possível justificativa para o fato de que ele não pode se estabelecer: sua presença constante em um determinado lugar exigiria dos *normais* um contato freqüente que eles não estão, em geral, dispostos a ter com quem carrega um estigma.

Retomando a questão do foco narrativo, pode-se afirmar que se está frente à frente a um narrador de terceira pessoa que faz passar por “intermediário” entre os estigmatizados e o leitor, mas sutilmente deixa claro a sua posição de dominante. A questão que emerge dessa construção de foco narrativo é a da legitimidade de quem fala do e pelo outro. Pode-se dizer que, freqüentemente, estão as “terceiras pessoas”, em suas posições mais ou menos preconceituosas, prontas para narrarem, pelo outro, aquilo que a este não é permitido narrar por si mesmo. O que não se pode esquecer é de questionar a legitimidade do narrador que relata a história do estigma do *outro*, considerando que a sua invisibilidade, a negação de sua presença, tal qual se preconizava no século XIX, tem por consequência direta a confirmação de sua legitimidade, já que o objetivo claro é conferir mais verdade ao narrado – o que leva, conseqüentemente, à verdade do narrador (DALCASTAGNÈ, 2001b, p.116).

Já, em relação à construção das personagens, ressalta-se que o protagonista se apresenta de maneira complexa e contraditória. Essa complexidade permite discutir as representações já construídas pelo *outro* no que se refere aos estigmatizados e à própria visão que estes têm de si mesmos. Essa visão, na maioria das vezes, profundamente distorcida, que o estigmatizado tem de si

mesmo, compromete visivelmente sua posição no mundo. Percebem-se implicações graves desse processo de auto-desvalorização consolidado a partir da internalização da voz do dominador: a vida do protagonista é feita de impossibilidades. A impossibilidade de expressar a si mesmo, ocupar um lugar na estrutura social e ter suas peculiaridades aceitas, elementos básicos para o ser humano em seu estar-no-mundo, são inviabilizadas pelo dominador sem que este necessite posicionar-se explicitamente. Afinal, o estigmatizado, que absorveu a fala do dominador, carrega dentro de si seu próprio carrasco.

Faz-se, portanto, um destaque para o protagonista em sua interação com um ambiente que lhes é francamente hostil. E os discursos internalizados pelos estigmatizados podem interferir profundamente na interação destes com os *normais*, estabelecendo barreiras que, aparentemente, decorrem das próprias características dos estigmatizados, mas que, na realidade, são reflexos do processo de estigmatização que sofreram.

Outro ponto a ser ressaltado é a solidão em que vive o estigmatizado, posta em evidência no momento em que este enfrenta o processo de estigmatização sozinho e é confrontado por todo um grupo que o exclui. Solidão essa que se origina no isolamento imposto ao estigmatizado para que ele não “contamine os sãos”, mas que também possibilita ao dominador dificultar o contato entre os estigmatizados. A diversidade de estigmas que se impõe em nossa sociedade faz com que o portador de um deles busque construir uma representação de si mesmo diante do *outro* que comprove sua posição de normal nas outras diversas categorias, evitando assim o aprofundamento da estigmatização. Assim, destaca-se que, na narrativa, não surge uma solidariedade entre estigmatizados: os muito pobres não se alinham aos miseráveis. Assim, o desfecho da narrativa destaca o futuro incerto do protagonista e a solidão e o desamparo que o acompanha.

Por fim, retomando a idéia de que as diferenças são socialmente construídas para serem usadas como instrumento no processo de subjugar o *outro*, em uma relação francamente desigual de poder, é claro que o ciclo que gera a discriminação se fecha quando características socialmente construídas são consideradas “naturais” e internalizadas de tal forma, que acabam por se concretizar nas relações que homens e mulheres mantêm entre si.

Assim, a representação do preconceito e da estigmatização, presente no conto analisado, sugere uma questão: considerar que há positivamente diferenças entre os seres humanos não pode ser considerado como o “gêmen” da discriminação? No entanto, como negar a diferença entre os seres humanos em sociedades que se constroem baseadas na própria diferença, seja ela de mérito, casta, poder econômico, espiritual, de gênero, ou seja lá que critério diferenciador?

## REFERÊNCIAS

### FONTE PRIMÁRIA:

MIGUEL, Salim. Sem rumo. In: *O primeiro gosto*. Porto Alegre: Movimento, 1973. pp.61-74.

### FONTES SECUNDÁRIAS:

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. Trad. de Fernando Tomaz. São Paulo: Bertrand Brasil, 2001.

DALCASTAGNÈ, Regina. Renovação e permanência: o conto brasileiro da última década. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, nº 11. pp. 3-17, 2001.

\_\_\_\_\_. Personagens e narradores do romance contemporâneo no Brasil: incertezas e ambigüidades do discurso. *Diálogos Latino-americanos*, Aarhus, nº 3. pp. 114-30, 2001.

- \_\_\_\_\_. *O espaço da dor – o regime de 64 no romance brasileiro*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Trad. de Roberto Machado. 18. ed. São Paulo: Graal, 2003.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Trad. de Maria Célia Santos Raposo. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.
- HOHLFELDT, Antonio. *O conto brasileiro contemporâneo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo – diário de uma favelada*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- LUCAS, Fábio. O conto no Brasil moderno. In: PROENÇA Fº, Domício (org.). *O livro do seminário*. São Paulo: LR, 1983. pp. 103-64.